

MANUEL ANTÓNIO PINA

Entrevistado por Maria Augusta Silva

OUTUBRO 2004

«As religiões são também grandes construções ficcionais. Fascinam-me nelas sobretudo as cosmogonias, mas igualmente, por exemplo, as questões do bem e do mal, a da inocência e da culpa, a das relações entre homem e mundo. (...) Se não formos capazes de manter com as palavras uma relação simultaneamente de familiaridade e de respeito, de autoridade e de amor, elas acabarão por nos arrastar pelo nariz e por nos pôr a dizer o que muito bem entenderem, ou então, infelizes e amedrontadas, calar-se-ão para sempre. (...) Os tempos não vão bons para o pensamento, em Portugal como noutros lugares. Quando a economia é uma ciência, e não mera técnica, não dispensa o pensamento».

**Vou começar por um verso seu: “É sempre Outro quem escreve”.
Poeta, um mitificador ou um mistificador?**

Esse verso, se o interpreto bem (e esta hesitação é decerto esclarecedora), significa a descoincidência entre escrita e escritor. Porque quem escreve, pelo menos do modo como entendo a minha própria escrita, não é tanto o escritor como as suas palavras. Isto não significa que o escritor seja tão-só espectador do drama, chamemos-lhe assim, da escrita; como nos sonhos (a comparação dos sonhos com o teatro é de Borges), é também, e simultaneamente, o autor, o ator e, sobretudo, o palco dela.

Que distância vai entre o Eu que fala e escreve e o Eu que permanece na interioridade do autor?

A distância da consciência e da leitura. Escrever é também um modo de ler por escrito. De qualquer forma, o escritor é sempre um leitor. No caso da minha poesia, talvez seja frequentemente um leitor lendo-se a ler.

Pelos seus poemas, à semelhança da técnica de Eliot, passam mais os monólogos do que os diálogos. Uma maneira de dizer melhor os silêncios?

Quero crer que a minha poesia é principalmente dramática e dialógica. Mesmo quando sob a forma de monólogo. O “eu” e o “tu” (como também aquele que responde agora a esta entrevista...) são apenas “dramatis personae”.

Como faz conviver o lado de fora e o lado de dentro?

Não resisto a responder com um sofisma: o lado de dentro é o lado de fora do lado de fora...

“Perdi-me em Hölderlin e achei-me em Dante”. Quando se acha alguém ou alguma coisa a solidão concreta fica longe?

Esse verso prossegue noutro: “Perdi-me em Hölderlin e achei-me em Dante / no sítio mais distante da estante”. Alude-se certamente à solidão da escrita e da leitura. Mas, no contexto do poema, Hölderlin e Dante são principalmente palavras. Significam tanto pelo sentido como pela sonoridade.

Tem muitos desencontros com a escrita?

Acho que a minha escrita é, ela própria, uma forma de desencontro. Não deixa de ser curioso que tal desencontro, a tal descoincidência sejam, ao mesmo tempo, formas de coincidência de alguma coisa com alguma coisa.

Alimentamo-nos das nossas próprias contradições?

Nós e a nossa razão...

Sente-se comprometido com a sua poesia?

Só na medida em que a poesia possa ser compromisso comigo mesmo, seja o que for que “comigo mesmo” signifique.

O mistério será mais dado à poesia do que à prosa?

A circunstância de as palavras fazerem (e “fazer” tem uma relação etimológica muito forte com “poesia”) sentido, em poesia ou em prosa, já é um imenso mistério...

**Disse-me um dia ter uma escrita “muito consciente de si mesma”.
Acaba por ser uma tormenta?**

De modo nenhum. Quando muito será uma «dor que desatina sem doer», mas a maior parte das vezes é uma forma de alegria. O trabalho de consciência (refiro-me à consciência técnica) é um instrumento de desvendamento e construção de possibilidades de sentido. Não há nisso

tormenta alguma. Apenas alguma ansiedade, mais ou menos emocionada, quanto ao que estará ali, na escrita, ou na vontade de escrita, a transformar-se em palavras.

Memória e tempo são temas recorrentes na sua arte literária. Universos sem princípio nem fim?

Memória é, se calhar, tudo o que temos, e tudo o que somos. Como Blake diz, aceitamos como filhos da imaginação o que são filhos da memória, isto é, do esquecimento, pois que esquecer é incorporar. «Universos sem princípio nem fim»? Não sei. Só se for na medida em que o universo individual é, como o universo da Física, também ele, embora finito, ilimitado.

Tempo dos homens é diferente do tempo dos deuses?

Deuses é uma das palavras que temos para designar o não-tempo.

Existindo a eternidade, será ela a ausência de tempo?

A eternidade existe. É o que queremos dizer quando dizemos, por exemplo, “momento”.

Com a novela *Os Papéis de K* decidiu-se a entrar, também, na ficção e com êxito inquestionável. Um livro no qual desejou trabalhar a memória como um jogo de incertezas?

Menos que trabalhar, talvez apenas constatar. E sem angústia, tão só com alguma expectativa distante, e talvez também com alguma melancolia.

Nagasaki está presente nessa narrativa. E uma sutil alusão à bomba atômica. Procura ajudar a não “branquear” a História?

Não tive intenção de questionar o “branqueamento” da História. Mas as minhas intenções estão, naturalmente, para cá do que escrevi. Em

literatura, as únicas intenções que importam são as “intenções” da própria escrita.

Não luta contra o esquecimento?

Somos seres para o esquecimento. Eu serei esquecido, o gato que me olha de cima do computador será esquecido, esta conversa será esquecida. Somos feitos de esquecimento. Como diria a Rainha de Copas de *Alice no País das Maravilhas*, todos os dias nos esquecemos de meia dúzia de coisas ainda antes do pequeno-almoço. Precisamos absolutamente de esquecer e de saber que esquecemos. Uma má memória, como diz Marc Augé, rejuvenesce. Há uma personagem de Borges, Funes (personagem *funesto*), que não pode esquecer. Não pode relacionar-se com o mundo nem com a sua existência, não tem existência.

“Saber é esquecer”, diz, aliás, no poema *Algumas Coisas*. Quando tudo se esquece o cérebro é o quê?

Raciocinamos com conceitos e os conceitos fundam-se na abstração, no esquecimento. Na natureza não existem conceitos, existem indivíduos. Para formularmos conceitos precisamos de esquecer o que é particular, sendo que, todavia, a realidade é exclusivamente feita de particularidades. O cérebro, ou o pensamento, permite-nos não só esquecer como saber que esquecemos. Podemos, assim, não ser reféns dos nossos conceitos, que facilmente se transformam em pré-conceitos.

A vida de Jesus Cristo é, porventura, das mais pesquisadas e biografadas. N’Os *Papéis de K.* temos Cristo a morrer aos 106 anos no Japão e não crucificado... Inspirou-se numa lenda, mas haverá também em si a vontade de prolongar e fortalecer na terra o cristianismo?

Não me passou pela cabeça fortalecer o cristianismo. Não sou dotado de qualquer espécie de espírito de missão. Inspirei-me, de facto, numa lenda.

Quando a verdade histórica (o que quer que a verdade histórica seja) contradiz o mito, opto, como John Ford, pelo mito.

Encontramos ainda nesse livro a morte de uma criança de nove anos. Uma forma de realçar que cada indivíduo é único e o valor do ser não se mede por números?

As tragédias coletivas, como Nagasaki, são meras estatísticas. A matéria de que são feitas é a das tragédias individuais. Um indivíduo é um absoluto, e absoluto vezes dois, ou vezes dois mil, não é mais do que absoluto. A morte de um indivíduo é a morte de tudo, é o próprio absoluto da morte.

Sei que dessa novela fez 18 versões. Escritor sofre...

Não há sofrimento, talvez só alguma ansiedade. Se eu tivesse sofrimento a escrever, ou a reescrever, faria outra coisa. A não ser que sentisse algum prazer, que não sinto, no sofrimento (mas nesse caso já não seria sofrimento, pois não?, seria prazer...).

Martírio, substantivo com que lida bem?

Também não tenho a mínima vocação para o martírio. Mas as palavras em literatura, e em particular em poesia, valem não só pelo seu sentido imediato. "Martírio" é uma palavra bonita, podia ser o nome de uma flor... Provavelmente vermelha. Ou branca.

Gostaria de ter vivido na Grécia Antiga?

Julgo que, fosse eu o que hoje sou, detestaria. Até porque me faltaria então esse distante mito estruturante, o da "Grécia Antiga". A proximidade pode ser curiosa, mas é quase sempre decepcionante.

Em Portugal presta-se pouca atenção às ciências filosóficas?

Os tempos não vão bons para o pensamento, em Portugal como noutros lugares. Com os resultados que só não estão mais à vista justamente por isso mesmo...

Filosofia e economia, duas grandes damas de costas sempre voltadas?

Em geral, a economia que temos é apenas contabilidade, quando não mercearia. Quando a Economia é uma ciência, e não mera técnica, não dispensa o pensamento.

Já imaginou um governo constituído só por poetas e filósofos?

Seria, com toda a certeza, ainda menos fiável do que um governo de economistas e de políticos...

Que dialética poderia hoje ser-nos proposta por Platão sobre a "arte de governar"?

A confiança platónica numa espécie de ditadura do pensamento é provavelmente desmesurada. Às vezes receio que pensar e governar sejam coisas incompatíveis, pelo menos tendo em conta o que significa hoje governar. É decerto imperioso que haja quem se ocupe da despesa, mas essa competência tem mais que ver com a gestão de interesses do que com o pensamento.

Há quem advogue o princípio de que à medida que aumenta o conhecimento, o homem anula-se enquanto vontade individual...

Pelo contrário, o conhecimento é fonte de vontade individual.

Sabedoria, uma força de consciência libertadora?

Como o outro dizia, escravo que sabe que é escravo já é meio liberto. A consciência é sempre libertadora, e a sabedoria é talvez a mais elevada forma da consciência.

Toda a cultura oriental tem vindo a sensibilizar muitos poetas do ocidente. Uma necessidade de maior espiritualidade?

Em algumas culturas orientais mantêm-se formas de sabedoria sincrética e de tolerância intelectual que a nossa herança aristotélica excluiu (e que, curiosamente, e dito com ligeireza, parecem responder melhor do que essa herança aos novos conhecimentos científicos no domínio, por exemplo, da física do infinitamente pequeno). As expressões religiosas dessas culturas continuam a ter um sentido profundo de religação que se perdeu no cristianismo ocidental, substituído por noções como a de "igreja".

Culturas ocidentais esvaziaram-se?

O interesse crescente que essas culturas despertam no Ocidente, e não apenas entre poetas e artistas, é talvez sinal de um esvaziamento das culturas ocidentais e da sua incapacidade de responder a inquietações essenciais dos indivíduos.

Existirá o sublime? No pensamento de Kant, o sublime é a mistura de alegria e mágoa...

Adaptando um poema de Alexandre O'Neill sobre o infinito: «Quem? O sublime? / Diz-lhe que entre, / faz bem ao sublime estar entre gente»... Ou, como na conhecida constatação acerca de bruxas, não acredito no sublime, mas lá que existe, existe... Pelo menos a mistura entre alegria e mágoa existe...

Que mais o fascina na história das religiões?

As religiões são também grandes construções ficcionais. Fascinam-me nelas sobretudo as cosmogonias, mas igualmente, por exemplo, as questões do

bem e do mal, a da inocência e da culpa, a das relações entre homem e mundo...

Segundo Hegel, a religião personifica o "espírito absoluto". É nesse domínio que as suas dúvidas aumentam?

Provavelmente sou religioso, embora sem religião (e, muito em especial, sem igreja...). As minhas dúvidas em relação a esta matéria não são diferentes das que tenho em relação a matérias menos controversas. Se calhar trata-se mais de distância, distância passiva, do que de ativa dúvida.

Tudo acaba no entanto por ser dúvida na sua vida?

Que diabo!, tudo também não! Às vezes é necessário ter certezas. Não gostaria (quem gostaria?) de saber que o piloto do avião em que viajasse tinha dúvidas acerca de aviões e acerca de como aterrar...

No fundo, escreve para tentar dissolver algumas dúvidas ou, pelo contrário, adensam-se?

Não escrevo "para" nada. Escrever pode ser um modo de duvidar, mas não escrevo "para" duvidar, ou "por" duvidar. Embora esteja convencido de que, se tivesse mais certezas, haveria de me dedicar a matérias mais convictas do que a das palavras...

Ao falar-se consigo sente-se-lhe o gosto pelo uso de advérbios. Uma forma de não ser sentencioso?

Uso muitos advérbios de modo, talvez até de mais, e palavras e expressões de hesitação e dúvida, como "decerto", "talvez", "se calhar", "quem sabe?", "provavelmente", e outras do género, como modos verbais condicionais. Uma boa parte do meu trabalho de reescrita, sobretudo na prosa, é rasura de advérbios.

Demora-se nas palavras?

Pergunta curiosa. Porque, como diz Yeats em *A Maldição de Adão*, um único verso pode exigir muitas horas mas, se não parecer o dom de um momento, foram inúteis o nosso tecer e o nosso destecer. Demoro-me nas palavras. Às vezes tempo de mais. E receio sempre que essa demora fique à vista, e que tenha, por isso, sido inútil e prejudicial.

Costuma separar-se dos poemas?

Acontece-me abandoná-los durante meses, de modo a poder lê-los mais tarde com a inocência (a inocência possível) de uma primeira leitura. Valéry compara as palavras às pranchas leves que os montanhistas usam para atravessar pequenas fendas na montanha. É preciso passar sobre elas com rapidez; se passarmos lenta e pesadamente podemos precipitar-nos no vazio.

Já abandonou alguma palavra definitivamente?

Definitivamente não, julgo que nada se abandona definitivamente...

Procura ainda uma ou outra que faça mais sentido no mundo em que vivemos?

Antes, se calhar, um mundo que faça sentido nas palavras. O "mundo em que vivemos" o que é senão palavras?

E as palavras não são matéria pura...

Felizmente não. A pureza, como a perfeição, são deusas estéreis.

"Vem, sono, sob as pálpebras, / que o meu coração seja capaz de dormir!". Um racional-emotivo?

Como toda a gente, acho eu. Tenho até um grande sentido prático. Fiz advocacia durante alguns anos, e a advocacia requer sentido prático. O xadrez também, e cheguei a ser praticante (oh, as palavras!) federado. E

faço habitualmente arranjos em casa, de eletricidade, de carpintaria (fiz muitas das estantes dos meus livros), até trabalhos de picheleiro...

“Vida e morte desprezam os que se amam”, outro verso que nos oferece. Será o amor maior do que a vida e a morte?

O amor é a única coisa capaz de sobreviver, e a única coisa por que vale a pena que sobrevivamos. O amor no seu mais vasto sentido, naquele que S. Paulo lhe dá na Primeira Epístola aos Coríntios, quando diz que vai indicar um caminho que ultrapassa a todos.

Estaremos a regressar ao espírito, nomeadamente na poesia?

Talvez não seja possível fazer generalizações acerca disso. De qualquer modo, toda a poesia é obra do “espírito” (deixando de lado apurar o que seja o “espírito”). Talvez os poetas, como os evangelistas, sejam apenas escrivães do Espírito. Borges chega a admitir a hipótese de todos os livros serem obra desse único e universal autor...

Que levou para a literatura o jornalista que é?

Jornalismo e literatura trabalham com a mesma matéria-prima, as palavras (fiz jornalismo de imprensa). No meu caso, aquilo que de mais importante o escritor terá aprendido com o jornalismo foi a humildade. Um jornal, como diziam os velhos tipógrafos, serve no dia seguinte para embrulhar peixe...

Esse é igualmente o destino da arte literária?

Da literatura também; senão no dia seguinte, no ano seguinte ou no século seguinte, não há diferença qualitativa entre um dia ou um século. O destino de toda a literatura e de todos os escritores é esse, o esquecimento. Cada escritor só pode, como Lawrence da Arábia, conformar-se com a lucidez: «Eu apenas serei esquecido antes de outros». E as condicionantes da escrita jornalística, de espaço, de tempo, da própria organização redatorial, que faz

com que um texto tenha de passar por várias pessoas, e às vezes por várias reescritas, antes de ser impresso, é outra permanente lição de humildade.

Ao jornalismo que deu o escritor?

O jornalista aprendeu com o escritor, fundamentalmente, o respeito pelas palavras. As palavras não são malas de transportar sentido, são seres vivos e volúveis e a umas pessoas dizem umas coisas e a outras coisas diferentes (e a algumas não dizem coisa absolutamente nenhuma). E se não formos capazes de manter com as palavras uma relação simultaneamente de familiaridade e de respeito, de autoridade e de amor, elas acabarão por nos arrastar pelo nariz e por nos pôr a dizer o que muito bem entenderem, ou então, infelizes e amedrontadas, calar-se-ão para sempre.

Na sua outra faceta, a de jurista, o poeta nunca se zangou consigo?

O Direito, seja como técnica seja como linguagem, sempre me interessou. Abandonei-o pelo jornalismo por razões pragmáticas, porque precisava de tempo, e o jornalismo sempre me dava, apesar de tudo, mais tempo. Há no exercício do Direito uma componente de controvérsia que acho estimulante. Mas, mesmo se assim não fosse, o poeta não teria nada com isso. Viver é preciso, e sobreviver também. Como todos os homens, sou muitos homens. Um deles calhou ser jurista, e esse acontecimento está para além do bem e do mal. Também me calhou ser míope e ter uma doença renal; também são "facetas" minhas. E nenhuma delas é independente da outra.

A «presunção de inocência» é um direito absoluto, todos o sabemos. Serão, porém, raros os casos em que advogados de defesa, por exemplo, tenham a noção imediata de estar a lidar com culpados?

Presunção de inocência não significa convicção de inocência. Significa que, se não for feita prova do contrário, e prova processualmente válida, um arguido é tido por inocente, mesmo que o não seja, ou mesmo que o julgador esteja convicto de que é culpado. Imagine, por exemplo, o caso de

uma prova concludente mas obtida por meios que a lei não considere legítimos, e que o juiz é obrigado a ignorar.

Justiça e Direito nem sempre se abraçam?

A justiça é prima afastada, muito afastada, do Direito. O Direito visa mais a segurança do que a justiça. Muitas das soluções do Direito são, por razões de segurança, assumidamente injustas. Vejam-se, por exemplo, institutos como o da prescrição ou o da caducidade.

Em nome da justiça será necessário por vezes afrontar o Direito?

Quantas vezes! A história está cheia de situações dessas.

Alguma vez, conscientemente, defendeu criminosos?

A resposta é sim. Até um criminoso merece ser defendido, tudo dependendo do tipo de defesa que se fizer, e às vezes o crime tem razões que o Direito desconhece. As fronteiras entre o bem e o mal são frequentemente difusas. Parafraseando Pascal, o que hoje é crime pode não sê-lo amanhã, e o que é crime para cá dos Pirinéus pode não ser crime do lado de lá. O Direito é expressão dos valores de uma sociedade num determinado momento, e esses valores nem sempre são indiscutíveis, ou sequer respeitáveis. Há um século, o adultério era crime...

Não há valores inquestionáveis em todas as latitudes?

A minha formação levar-me-ia a dizer que sim. Mas a minha razão tem dúvidas porque os valores não são autónomos das culturas.

Existem uma consciência moral e uma consciência jurídica?

As relações entre a moral e o Direito são complexas. Um advogado tem uma consciência moral que pode não coincidir com os valores vigentes na sociedade. Imagine um advogado exercendo numa sociedade como a da ditadura salazarista, com um Direito que proibia a liberdade de expressão

do pensamento ou a liberdade de associação... Tudo isto tem limites, e esses limites têm que ver com a maior ou menor elasticidade da consciência moral de um advogado.

Recusou-se a defender algum caso?

Uma vez recusei a defesa de dois indivíduos acusados de terem assassinado, diante dos filhos, um casal de campistas espanhóis para os roubar. Diziam-me que, para eles, "o dinheiro não seria problema"... e não gostei que um meu colega de escritório tivesse aceitado fazê-lo. Mas defendi, por exemplo, vários pequenos traficantes de droga, gente que traficava para consumir. E "ratos" de automóveis. E um estudante acusado de apedrejar a polícia durante uma manifestação.

Pedi sempre a absolvição dos seus clientes?

Nem sempre. Muitas vezes limitei-me a relativizar a sua culpa de acordo com valores que me pareciam justos e reconhecidos pelo Direito. Se não se tratasse de um crime que me repugnasse, seria capaz de invocar a invalidade de uma prova para obter uma absolvição. Além das de segurança, pode haver razões de justiça para uma prova ser considerada inválida. A confissão desacompanhada de mais provas, por exemplo. De outro modo, o processo poderia ser dirigido inquisitorialmente para a obtenção de confissões, e sabe-se o que isso significa. É matéria sobre a qual se poderiam escrever páginas sem fim...

Que motivação o levou a ser advogado de defesa do PRP?

Embora ocasionalmente, e por razões circunstanciais, fui advogado de Carlos Antunes (e acho que também de Isabel do Carmo) e o meu primeiro patrocínio foi a um jovem acusado de guardar em sua casa armas desse partido, um rapaz idealista e generoso apanhado num processo e num tempo político crítico, de contornos complexos e mutantes que em grande parte lhe escapavam. Além de motivações de amizade, tive razões fundadas em algumas identidades ideológicas, também aliás circunstanciais. Essas

decisões só podem ser devidamente avaliadas no contexto do seu tempo e do seu lugar específicos.

Pode o arrependimento ser bastante para salvar os homens?

Talvez. Pelo menos para salvar um homem de si mesmo.

Persegue-o algum trauma? Falámos uma vez na história de um cão...

Não será um trauma, mas é uma culpa, uma culpa infantil. Um dia, em Castelo Branco, teria 5 ou 6 anos, ia na rua pela mão de minha mãe quando um cão saltou de umas obras e me atacou. Tive muito medo. Escondi-me nos braços de minha mãe e, talvez para obter a sua proteção e o seu cuidado, exagerei, menti, disse-lhe que o cão me tinha mordido, quando não chegou a fazê-lo. Meu pai queixou-se na Delegação de Saúde, receando que o cão estivesse raivoso. Para verificar essa hipótese, o cão foi abatido. Nunca consegui esquecer a morte desse pobre cão, um cãozinho pequeno, amarelo, completamente indefeso face à minha mentira.

Aprendeu que a mentira não compensa?

Se houvesse um lugar onde estas coisas fossem cobradas, eu teria um elevado preço a pagar. Vivo ainda, tantos anos depois, com essa culpa, e esse é, de qualquer modo, um preço. Só desde há pouco tempo consigo falar nisso. Escondi-o sempre, até de meus pais, como aquelas infâmias de que não nos desculpamos e só partilhamos com a nossa solidão. Nós mesmos somos provavelmente os nossos juízes mais severos.

Já mentiu outra vez?

Farto-me de mentir por cortesia, digamos assim. Se for convidado para algo que não quero, não sou capaz de dizer: "Não quero, não me apetece". Ou, se me pedem opinião sobre um livro de poemas deplorável (mas que sei eu?), sou incapaz de dizer: "Isto é uma merda..." Então minto.

Também gosta que lhe mintam?

Gosto, por exemplo, que digam sem convicção dos meus livros: "Sim, é muito interessante..." E gostaria, se estivesse a morrer, que me mentissem. Saber que se vai morrer deve ser algo insuportável.

Medo, essência do ser humano?

Essência, seja lá o que for uma essência, não será. Mas é decerto uma das nossas espinhas dorsais, o medo e o medo do medo. Tenho medo de imensas coisas.

O escuro assusta-o?

Não tanto como a claridade e a racionalidade.

Pegou algum dia numa fisga?

Na infância. E matei, sem necessidade, pássaros (outra culpa). As crianças são seres cruéis, eu pelo menos fui-o. Mas chega de confissões...

Crueldade das crianças não terá que ver com um "estado de inocência"?

As crianças são cruéis. Ai dos mais fracos, dos gordos, dos baixinhos, dos pobres, dos diferentes em geral. Eu é que sei, que uso óculos desde a segunda classe, e era o "caixa d'óculos"... A verdade, no entanto, é que a minha própria e decidida crueldade me protegia; ainda os meus colegas não tinham acabado de dizer "caixa" e já tinham apanhado um soco...

Fazia igualmente das suas...

Andava frequentemente à pancada. Aos poucos, foi-me dando para questionar os meus atos. Comecei a pensar duas vezes antes de bater em alguém; a partir desse momento, fiquei em desvantagem... Ficava a pensar

no que devia ou não devia fazer e, entretanto, outro com menos dúvidas do que eu já me tinha deitado ao chão. Ainda hoje, às vezes, em situações de crise, que exigem ação (por exemplo, responder com uma frase adequadamente má a uma impertinência) tento convencer-me a não pensar muito... Pensar inibe... Mas vou progressivamente perdendo a capacidade de agir irrefletidamente. A verdade é que também tenho cada vez menos necessidade de afirmação pela ação...

Vive carregado de lembranças? Diz que "lembranças a menos faziam-me bem"... Não consegue libertar-se?

Com as lembranças de que me lembro posso eu bem. Não me liberto, se calhar, é das que esqueci.

Com o tempo, o homem refina a perversidade, sofisticada a maldade?

Em geral, com a idade, os seres humanos tornam-se mais doces e mais tolerantes. Um avô é sempre mais paciente do que um pai e muitíssimo mais do que um neto. As sociedades antigas são também menos agressivas do que as sociedades jovens. Lembra-se da controvérsia entre a "velha Europa" e a América de Bush a propósito do Iraque?

Bastará à "velha Europa" ser mais tolerante?

Bastar não basta, mas se calhar ajuda...

Idade, mãe de todos os despojamentos?

Sim, e de todas as ilusões. O ceticismo pode ser (para mim é) fonte de serenidade.

"Está tudo bem, mãe, / estou só a esvair-me em sangue, / o sangue vai e vem, tenho muito sangue." Verso do seu livro *Cuidados Intensivos*. Mãe, a grande oração?

Tudo o que posso dizer sobre as mães disse-o Herberto Helder no poema que começa assim: “No sorriso louco das mães batem as leves / gotas de chuva...”

E sobre a casa, a morada, que reflexão?

Também esses são lugares maternais.

Não resisto a recordar outros versos seus: “Os homens temem as longas viagens, / os ladrões da estrada, as hospedarias, / e temem morrer em frios leitos / e ter sepultura em terra estranha.” O bicho-homem não nasceu para ser errante?

Não sei, sei que os regressos foram sempre os melhores e mais emocionantes momentos das minhas muitas viagens. «Não te afastarás mais / do que te permitirem / a metade das tuas forças / e a cor, ao longe, do teu telhado», escrevi noutro poema.

Num mundo cada vez mais sujeito ao fenómeno migratório, que sonho sobrevive no coração das pessoas?

O de regressar...?

Crê possível o cenário de uma III Guerra Mundial?

Não é numa III Guerra Mundial que vivemos hoje nos domínios social e económico? Além de, obviamente, na frente política e na militar?

No poema a *Um Jovem Poeta* diz: “Procura a Rosa”... Porquê?

Esse poema traduz alguma ansiedade de literalidade, a angústia essencial da existência do mundo antes das palavras. A “rosa” é uma metonímia do próprio mundo. Em que medida as nossas palavras, construindo o mundo, se interpõem entre nós e o mundo, entre nós e nós? Pode a palavra poética tocar o mundo, há algo para tocar? Há um mundo fora das palavras?

Gosta que lhe ofereçam flores?

Gosto de flores, especialmente rosas. Mas prefiro vê-las nas roseiras. Um ramo de flores parece-me sempre uma espécie de despojo. Uma vez cheguei a casa com um ramo de rosas que me ofereceram numa biblioteca e a minha empregada disse tristemente: «Por que é que as cortaram? Estavam tão bem onde estavam...» Eu não o teria dito melhor.

Quando escreve para crianças sai de uma idade real para reinventar o espanto?

O que é uma “idade real”? Talvez a única idade verdadeiramente real seja a do espanto. Que idade temos quando perdemos a faculdade do espanto senão a da morte?

Que leituras o marcaram na infância e juventude?

Se calhar, as que mais me marcaram terão sido aquelas de que não posso lembrar-me. Mas refiro ao acaso: *A Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson através da Suécia*, de Selma Lagerlof; *A Ilíada*, numa versão “para o povo e para as escolas”, de João de Barros; *A Ilha do Tesouro*, de Stevenson; *Alice no País das Maravilhas*, lido pela primeira vez no “Cavaleiro Andante”; ainda *Tartarin de Tarascon*; quase todos os volumes das aventuras de Sandokan, de Emílio Salgari; e *Gog*, de Giovanni Papini; os *Sonetos*, de Florbela Espanca; *Só*, de António Nobre, o primeiro livro que comprei; *Os Maias* e *A Relíquia* (aos 15 anos, num concurso literário, ganhei as obras completas de Eça); a *Poesia I*, de Jorge de Sena; e livros de Alexandre O’Neill (julgava eu então que era um poeta inglês), e de Régio, de Sophia, obtidos numa biblioteca itinerante da Gulbenkian...

Tem sido uma das poucas vozes a defender que se lê hoje mais do que nunca. Di-lo por ironia ou está mesmo convencido disso?

A minha experiência, que é relativamente ampla em escolas e bibliotecas diz-me que os jovens, pelo menos até aos 13 ou 14 anos, leem muito mais

do que se lia quando eu tinha essa idade. E em termos absolutos, o que significa que, em termos relativos, leem muitíssimo mais, porque nós não tínhamos TV, vídeo, jogos de computadores...

Estão os professores a desempenhar junto dos mais jovens um papel decisivo nos hábitos de leitura?

A meu ver, o facto de se estar a ler mais, na faixa dos 13-14 anos, deve-se não só à multiplicação de bibliotecas escolares e da rede de leitura pública mas, sobretudo, ao trabalho de muitos jovens professores das escolas das periferias das grandes cidades (os professores colocados no interior das cidades são, em geral, mais velhos, mais cansados e mais resignados). Há muitos desses jovens professores que gostam sinceramente de literatura e o amor é o mais forte e eficaz instrumento de comunicação.

Um bom contágio..

Falar do que se ama é inevitavelmente contagiante. Suspeito que grande parte do insucesso do ensino da Matemática se deve ao facto de muitos professores de Matemática não gostarem de Matemática nem de ensinar; muitos deles dão aulas apenas porque não obtiveram emprego nas suas especialidades profissionais...

O gosto de ver como as coisas são feitas prende-se com a sua interrogação poética: "Quem me olha desse lado"?

A minha poesia é, parece-me, também esse olhar exterior sobre mim mesmo, e sobre mim mesmo olhando-me.

Como dramaturgo sente que no teatro se desconstrói melhor a vida?

Não é a vida teatro, tanto quanto o teatro é vida? Não somos atores, mais do que autores, da nossa vida?

Seremos mais atores porquê? Em que medida o “espetáculo” pode definir a vida melhor do que a ciência ou qualquer credo?

Precisamente, talvez na medida em que somos, em grande parte, espectadores, tanto quanto atores, da própria vida.

É uma pessoa bem disposta?

Pelo menos rio-me bastante... O mérito cabe ao risível, que é cada vez mais abundante. O risível e o medo, porque às vezes, como Barthes diz em *Madame Edwarda* (ou é em *Le Petit?*), “ris-te porque tens medo...”

Não convive muito com os seus pares da escrita...

Convivo com os meus amigos. Poucos deles são escritores...

Tem inimigos de estimação?

Já tive alguns (embora a palavra “inimigos” seja excessiva), a quem dediquei muitas crónicas jornalísticas. Mas foram quase todos péssimos inimigos, com um desarmante poder de encaixe e “fair play”, e rapidamente os perdi. Os inimigos são mais difíceis de manter do que os amigos...

“Às vezes o gato fitava / com estranheza/ o que de nós (um excesso)/ se interpunha entre nós e o gato, / a nossa presença”. Como vive com uma dúzia de gatos em casa?

Uma dúzia de treze... Vive-se excelentemente com eles, de tal modo que já não conseguiria imaginar a casa (e a minha vida) sem a sua presença. A casa, sem os meus gatos, seria insuportavelmente vazia. Amigos assim certos e secretos são coisa inestimável. Só com os animais podemos ter a certeza de que vêm roçar-se nas nossas pernas ou nos recebem afetuosamente à porta e sem hipocrisia quando chegamos a casa.

Como levou tanto gato para a família?

Foram aparecendo por acaso. Todos eles vadios ou abandonados. Por um motivo ou por outro (e que podemos nós saber quanto a motivos?) as suas vidas cruzaram-se com as nossas, um aqui, outro ali, um procurando um dia refúgio no calor do motor do automóvel, outro, recém-nascido, desesperadamente gritando, de fome e de medo, debaixo da janela... Agora que penso nisso, verifico que só um deles, a gata Tuxa, veio adulta. Todos os outros eram recém-nascidos ou muito pequenos quando chegaram. E o primeiro, a Pipas, já está à beira dos 20 anos...

Agradam-lhe também os gatos de Fialho?

Não gosto de gatos literários, gatos-metáforas. Prefiro gatos apenas.

Porto, onde vive: labirinto ou refúgio?

As cidades que habitamos fazem-nos tanto quanto as fazemos nós. A certa altura torna-se difícil definir onde acabamos nós e começa a cidade, fazemos parte dela e ela de nós. E percorremo-la como percorremos um labirinto interior, e nela encontramos refúgio, quando precisamos de refúgio, como em nós mesmos.

Revisita Sabugal, terra-berço?

Visitei há algum tempo, a convite da autarquia. E fiquei muito feliz. Tendo-me nascido a mim mesmo no Porto, onde vivo há mais de 40 anos, há no entanto um mistério emocionante e irrepetível no nascimento biológico. No Sabugal pude visitar a casa que foi de meus avós, onde nasci, e onde a atual proprietária e a sua família me ofereceram fruta e pão-de-ló caseiro. De algum modo senti naquele momento que, pelo sortilégio da casa comum, aquela família era também a minha. E quero crer que eles terão sentido algo parecido.

Qual “o verdadeiro rosto do poema”?

Provavelmente, quem sabe?, o da infância.

E o do poeta Manuel António Pina?

Provavelmente o do poema...

Gostava de ser outro?

Já tenho trabalho que chegue a ser este, não sei qual...

© *MARIA AUGUSTA SILVA*